

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 7 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2018

## A IMAGO DEI E A DIGNIDADE DO SER HUMANO

The imago dei and the dignity of human beings

*Me. Fred Roland Bornschein<sup>1</sup>*

### RESUMO

Deus criou o ser humano, de modo que ele não é produto do acaso ou de acontecimentos fortuitos. Na base da realidade do ser humano está o fato de ter sido criado à “imagem e semelhança de Deus”. A imagem de Deus não é um atributo de sua natureza, mas é o homem integral. Esta imagem foi corrompida pelo pecado, mas não destruída. Portanto, cada pessoa tem em si esta centelha de dignidade e de nobreza e, como tal, cada pessoa deve ser tratada e valorizada. Ser “imagem de Deus” significa que Deus colocou o ser humano neste mundo como sua imagem para representá-lo e, em seu lugar, cuidar e administrar a criação. A imagem de Deus foi conferida, de acordo com o primeiro relato da criação, de forma igualitária ao homem e à mulher. Ambos foram colocados num mesmo patamar de valor e responsabilidade. No segundo relato da criação afirma-se que a mulher foi criada como “auxiliadora

<sup>1</sup>O autor é Bacharel em Teologia e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor de Teologia na Faculdade Teológica Betânia (<http://faculdadebetania.com.br>) e Faculdade Fidelis (<http://www.fidelis.edu.br>). Pastor auxiliar na Igreja Evangélica Livre da Boa Vista em Curitiba/Pr. Autor dos livros publicados pela Editora Evangélica Esperança: “Oliveira Santa, Israel na carta aos Romanos” e “Enviados para servir”. Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9512623480426639>.

do homem”. Este texto tem sido erroneamente interpretado como se a mulher estivesse numa posição subordinada ao homem. Todavia esta interpretação é um erro lógico e exegetico. Entretanto, o texto de Paulo afirmando que o homem é a imagem e glória de Deus e a mulher é glória do homem (1 Co 11.7), causa dificuldades. Mas estas dificuldades são minimizadas considerando-se o contexto das palavras de Paulo e o fato de que ele afirmou que “no Senhor” uma nova realidade surgiu (1 Co 11.11).

**Palavras-chaves:** Homem. Mulher. Imagem de Deus. Representar a Deus. Dignidade do ser humano.

## ABSTRACT

God has created the human being so that he is not the product of chance or random events. On the basis of human being reality lies the fact that it has been created “in the image and after the likeness of God”. The image of God is not an attribute of his nature, but is the holistic man. This image was corrupted by sin, but not destroyed. Therefore, each person has this condition of dignity and nobility and, consequently, each person should be treated and valued. To be an “image of God” means that God has placed the human being in this world as his image to represent him and, in his place, to care for and to manage the creation. The image of God was granted, according to the first account of creation, in an equal way to man and woman. Both were placed on the same level of value and responsibility. In the second account of creation it is affirmed that the woman was created as “helper of the man”. This text has been wrongly interpreted as a woman in a subordinate position to the man. But this interpretation is a logical and exegetical error. However, the text of Paul affirming that man is the image and glory of God and woman is the glory of man (1 Cor 11:7), creates difficulties. But these difficulties are minimized by considering the context of Paul’s words and the fact that he says that “in the Lord” a new reality arose (1 Cor 11:11).

**Keywords:** Man. Woman. Image of God. Represent God. Dignity of the human being.

## INTRODUÇÃO

A antropologia teológica é uma análise da visão do ser humano como nos é apresentado nas Escrituras Sagradas. Dentro desta temática o aspecto mais

relevante é a revelação de que o ser humano, homem e mulher, foi criado por Deus à sua imagem e semelhança. Esta é a realidade antropológica que será considerada neste estudo. Ela se reveste de uma importância capital, não apenas por questões teológicas, mas por razões eminentemente pragmáticas. Na visão do ser humano como imagem de Deus radica toda a consideração do valor do ser humano, de sua dignidade, com reflexos imediatos na bioética. Battista Mondin observa que “a doutrina da *imago Dei*, ou seja, da semelhança do homem com Deus, é o tema fundamental da antropologia cristã e lhe abrange todos os aspectos, de modo que se poderia, a partir da mesma, desenvolver uma doutrina completa do homem”.<sup>2</sup>

## 1. A CRIAÇÃO DO SER HUMANO COMO HOMEM E MULHER

O fato inicial da antropologia teológica é que o ser humano foi criado por Deus. Por conseguinte, ele não é produto de um acaso fortuito e resultado de uma série de acasos que levaram uma célula primitiva de vida a evoluir até ao ser humano.

### 1.1 A CRIAÇÃO DO SER HUMANO POR DEUS É ATESTADA NA BÍBLIA

Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher (Gn 1.27).

Este é o livro da história da família de Adão. Quando Deus criou o homem, ele o fez à imagem de Deus (Gn 5.1).

Este é o livro da genealogia de Adão (*adam*). Criou-os homem (macho, *zakar*) e mulher (fêmea, *neqebah*) e os abençoou, e deu-lhes o nome de homem (*adam*) no dia em que os criou (Gn 5.2).

Não é o propósito deste estudo considerar se esta criação do ser humano foi imediata, portanto considerando os textos bíblicos literalmente, numa concepção criacionista, ou se foi mediata, através de causas secundárias numa visão evolucionista teísta. O fato fundamental e básico para a fé cristã é que o ser humano, homem e mulher, foi criado por Deus e não é produto de causas naturais fortuitas e ocasionais.

<sup>2</sup> MONDIN, Battista. **Antropologia teológica**: história, problemas, perspectivas. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 91.

## 1.2 DOIS RELATOS DA CRIAÇÃO

Há, na Bíblia, dois relatos da criação do ser humano: o primeiro em Gênesis 1.26-31 e o segundo em Gênesis 2.7-8 (a criação do homem) e Gênesis 2.18-25 (a criação da mulher). Existem diferenças notáveis entre estes dois relatos.

No primeiro, o homem e a mulher são criados simultaneamente à imagem e semelhança de Deus (“Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”, Gn 1.27). Na recapitulação do evento da criação do homem em Gênesis 5.2 (“Este é o livro da genealogia de Adão [*adam*]. Criou-os homem [macho, *zakar*] e mulher [fêmea, *neqebah*] e os abençoou, e deu-lhes o nome de homem [*adam*] no dia em que os criou”) o enfoque é novamente o primeiro relato da criação.

Ao homem e à mulher Deus confere o mandato cultural de se multiplicar, encher a terra, a dominar e sujeitar (“E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra”, Gn 1.28). René Padilla afirma que

[...] tanto o homem como a mulher recebem as tarefas de reprodução e mordomia da criação. Desde o próprio início da criação, o Homem é varão e fêmea. Deus chama os dois a compartilhar a vocação comum de representá-lo no mundo. Ele também abençoa ambos quando diz: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai...” (v.28). Não há aqui a menor sugestão de que o varão tenha maior responsabilidade pela mordomia da criação, e a fêmea seja mais responsável pela reprodução. Como imagem de Deus, ambos compartilham uma humanidade e uma vocação comuns no mundo.<sup>3</sup>

No segundo relato, Deus primeiro cria o homem e, em seguida, cria a mulher tirada de uma “costela”<sup>4</sup> do homem (cf. Gn 2.21).

A mulher foi criada como “auxiliadora” (*ezer*) do homem. Wayne Grudem sublinha que o homem e a mulher “foram criados por Deus iguais na sua importância e na sua pessoalidade”.<sup>5</sup> Destaca, também, que se o homem e a

<sup>3</sup> PADILLA, C. René. **A relação homem-mulher na Bíblia**. In: MALDONADO, Jorge (org). **Casamento e Família**. 2.ed. Viçosa: Ultimato, 2003, p. 52.

<sup>4</sup> A palavra “costela” (*tsalah*) é usada em 41 ocorrências em 33 versículos e, como todos os vocábulos, é polissêmica. Ela é usada em inúmeras ocorrências como “lado”. Deste modo podemos entender a palavra “costela” de forma figurada. O texto simplesmente significa que Deus tirou a mulher do homem

<sup>5</sup> GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 375.

mulher são igualmente imagem de Deus “são igualmente importantes para Deus e igualmente valiosos para ele”.<sup>6</sup> Magali Leoto faz o seguinte comentário:

Deus em sua soberania, sabia que o homem, para continuar sua existência e para cuidar da criação, não poderia estar só. O “EZER” (auxílio) que ele recebia de Deus, também seria encontrado em forma humana, na sua companheira. Portanto, baseando-nos nas passagens em que “EZER” foi utilizada, a convivência entre homem e mulher, deve ser de refúgio, fortaleza, presença contínua, até mesmo na adversidade.<sup>7</sup>

Todavia, Grudem considera que a partir da criação há “diferenças de papéis”<sup>8</sup> entre o homem e a mulher e esta diferença implica uma posição de autoridade do homem sobre a mulher, não a partir da queda, como consequência do pecado, mas já antes da queda, como parte do plano “da criação original de Deus”.<sup>9</sup> Nos vários argumentos que usa para defender esta visão, Grudem destaca o fato de que a mulher foi criada como auxiliadora do homem e, na sua visão, uma pessoa auxiliadora está numa posição de inferioridade em relação àquela a quem auxilia<sup>10</sup>. Ele cita o argumento de David Clines para apoiar sua posição. Clines, expondo o uso do termo *ezer* (auxiliadora) para a mulher, conclui que

[...] em vista de todas as ocorrências na Bíblia Hebraica, é que, embora os superiores possam auxiliar os inferiores, os fortes possam auxiliar os fracos, os deuses possam auxiliar os homens, no ato de auxiliar eles são “inferiores”. Ou seja, submetem-se a uma posição secundária, subordinada. Seu auxílio pode ser necessário ou crucial, mas auxiliam em alguma tarefa que é responsabilidade de outra pessoa. Não são eles mesmos, de fato, que realizam a tarefa, pois existe uma linguagem diferente para tal. Ser auxiliador não é um modo hebraico de ser um igual.<sup>11</sup>

A este comentário duas observações devem ser feitas. Inicialmente há uma flagrante falta de lógica no argumento. Afirmar que a pessoa que auxilia está automaticamente numa posição de inferioridade é um contrassenso. Na

<sup>6</sup> GRUDEM, 1999, p. 375.

<sup>7</sup> LEOTO, Magali A. Henriques. **O feminismo bíblico**. Disponível em <http://www.sergioemagalileoto.com.br/feminismo-biblico/>. Acesso em 19.9.2018

<sup>8</sup> GRUDEM, 1999, p. 377.

<sup>9</sup> GRUDEM, 1999, p. 378.

<sup>10</sup> cf. GRUDEM, 1999, p. 379-80.

<sup>11</sup> CLINES, *apud* GRUDEM, 1999, p. 380.

verdade, o contrário é o correto. Quem auxilia, mesmo que seja uma pessoa numa posição hierárquica inferior à outra, no ato de auxiliar está numa posição de superioridade e a auxiliada numa posição de dependência.

O argumento também não considera adequadamente o uso bíblico da palavra *ezer*. Ela ocorre 21 vezes em 21 versículos na Bíblia hebraica.<sup>12</sup> Destas ocorrências, ela refere-se a Deus como o *ezer*, o Auxiliador, 15 vezes. Em duas ocorrências refere-se à mulher como auxiliadora do homem (Gn 2.18,20). Em outras duas, visa aos socorros vãos prestados por nações a Israel (Is 30.5; Ez 12.14). Uma vez alude a um herói que recebeu o poder de auxiliar (Sl 89.19) e, uma vez, num texto apocalíptico (Dn 11.34), menciona um “pequeno socorro”.

Quando Deus, em 15 textos, é considerado o Auxiliador, evidentemente ele não está numa posição de inferioridade, muito pelo contrário. É o fiel que se sente pequeno e fraco e busca, confia, na ajuda de Deus. Veja-se, como exemplo, o texto de Sl 70.5: “Eu sou pobre e necessitado; ó Deus, apressa-te em valer-me, pois tu és o meu amparo (*ezer*) e o meu libertador”.

No segundo relato da criação, chamam também a atenção as palavras de Adão ao contemplar Eva pela primeira vez: “E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2.23). Nesta palavra, percebemos a visão da identidade entre o homem e a mulher. Adão, em outras palavras, disse: “Ela é eu e eu sou ela”. Em termos atuais, poderia ter dito: “Ela é DNA de meu DNA”. Portanto, no segundo relato da criação, mesmo havendo uma diferença cronológica entre a criação de um e outro, o texto afirma a similaridade do homem e da mulher como pessoas humanas criadas à imagem e semelhança de Deus.

Mas esta similaridade não é absoluta, pois há uma diferença essencial entre o homem e a mulher que se percebe na exclamação de Adão: “Chamar-se-á varoa (*ishad*) porquanto do varão (*ish*) foi tomada” (Gn 2.23). O homem e mulher, apesar de sua identidade básica e fundamental como seres humanos, se diferenciam como pessoas singulares e únicas. Na raiz de sua analogia como seres humanos são similares, mas, ao mesmo, distintos na sua individualidade pessoal, na distinção de seu gênero, na sua fisiologia, na sua constituição biológica, sexual e psicológica, com todas as implicações decorrentes deste fato.

<sup>12</sup> Gn 2.18, 20; Êx 18.4; Dt 33.7, 26, 29; Sl 20.2; 33.20; 70.5; 89.19; 115.9, 10, 11; 121.1, 2; 124.8; 146.5; Is 30.5; Ez 12.14; Dn 11.34; Os 13.9.

Contudo, Grudem<sup>13</sup>, sublinhando a posição de autoridade do homem sobre a mulher, já a partir da criação original, afirma que, neste texto, Adão deu nome a Eva da mesma forma como tinha dado nome aos animais (Gn 2.19-20). Ele expõe que “no pensamento do Antigo Testamento o direito de dar nomes a alguém implicava autoridade sobre essa pessoa”. Como Adão chamou sua mulher de “varoa” (Gn 2.23), Grudem aduz que este fato “indicou sua liderança sobre ela”. Este argumento é falho, pois como observamos acima, neste momento Adão não estava dando um nome, apenas destacando a diferença que havia na unidade básica do gênero humano. Este argumento de Grudem prima, também, pela deselegância e arbitrariedade, pois cria uma analogia imprópria entre a nomeação dos animais e da mulher.

Quando o homem chamou a mulher de “varoa” (*ishad*), não estava dando um nome à mulher, apenas destacando a diferenciação que se estabelecera no gênero humano. O nome da mulher, Eva, aparece apenas duas vezes no AT, em Gênesis 3.20 (“E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos”) e em Gênesis 4.1 (“Coabitou o homem com Eva, sua mulher. Esta concebeu e deu à luz a Caim”).

Quem, realmente, deu nome à mulher foi Deus em Gn 5.1-2 (“Este é o livro da genealogia de Adão [*adam*]. Criou-os homem [macho, *zakar*] e mulher [fêmea, *neqebah*] e os abençoou, e deu-lhes o nome de homem [*adam*] no dia em que os criou”). O nome “Adão” é dado indistintamente ao homem e a mulher. Isto mostra que a expressão tem um sentido variado. Na maioria das vezes pode ser traduzida como “homem”, ou como “humanidade” num sentido genérico e, algumas vezes, como nome próprio da pessoa de Adão. Foi apenas depois da queda, em Gênesis 3.20, que Adão deu nome à mulher, chamando-a de Eva.<sup>14</sup> Já neste texto percebe-se uma consequência da queda em que a mulher em vez de ser corresponsável por cumprir o mandato cultural junto com o homem, como lemos no primeiro relato da criação, passa a ser vista em termos e função da maternidade. Padilla pondera sobre este ponto.

O quadro da relação homem-mulher no pecado se completa com o nome que o homem dá à mulher depois da queda: “E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos” (3.20). Vale

<sup>13</sup> Cf. GRUDEM, 1999, p. 380.

<sup>14</sup> “O nome de Eva (*Havvah*, é explicado pela raiz *hayah*, “viver” (JERUSALÉM, A Bíblia de. Nova Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 38).

observar que o nome que a mulher recebe do homem a define como um meio para alcançar um fim (os filhos). Ele alude à maternidade sem fazer referência à complementaridade com o homem, para a qual a mulher foi criada. Ela deixa de ser a companheira com quem ele compartilha toda a vida, sua auxiliadora idônea (*Ishah*) (sic)<sup>15</sup>, osso de seus ossos e carne de sua carne, e passa a ser valorizada por sua capacidade de gerar filhos. Doravante essa coisificação da mulher por parte do homem será característica de sua ação para com ela.<sup>16</sup>

## 2. O SER HUMANO CRIADO À IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS

O primeiro relato da criação (Gn 1.26-27) afirma, de forma sintética, que Deus planejou criar (Gn 1.26) e que criou (Gn 1.27) o ser humano à sua imagem e semelhança. As expressões “imagem” (*tselem*) e “semelhança” (*demuth*) são usadas em variadas formas e combinações, nos seguintes textos:

### NO ANTIGO TESTAMENTO

Gn 1.26 – “Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem (*tselem*), conforme a nossa semelhança (*demuth*)”;

Gn 1.27 – “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem (*tselem*), à imagem (*tselem*) de Deus o criou; homem e mulher os criou”;

Gn 5.1-2 – “No dia em que Deus criou o homem, à semelhança (*demuth*) de Deus o fez; homem e mulher os criou”.

Gn 5.3 – “Viveu Adão cento e trinta anos, e gerou um filho à sua semelhança (*demuth*), conforme a sua imagem (*tselem*), e lhe chamou Sete”;

Gn 9.6 – “Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem (*tselem*)”.

### NO NOVO TESTAMENTO

1Co 11.7 – “O homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem (*eikon*) e glória de Deus”.

Tg 3.8-9 – “A língua nenhum dos homens é capaz de domar (...). Com ela, bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à

<sup>15</sup> Certamente aqui ocorreu um lapso, ou do autor ou do tradutor, pois o termo que deveria ser usado é *ezer* e não *Ishah*.

<sup>16</sup> PADILLA, 2003, p. 61.

semelhança (*homoiosis*) de Deus”.

Os pais da igreja faziam uma distinção entre os termos “imagem” e “semelhança” e esta distinção manteve-se também na escolástica.

Alguns (dos pais da igreja) eram de opinião que o termo “imagem” referia-se ao corpo, e o termo “semelhança”, à alma. Agostinho sustentava que o primeiro (“imagem”) se referia às faculdades intelectuais da alma, e o último (“semelhança”), às faculdades morais. Belarmino considerava a palavra “imagem” como um designativo dos dons naturais do homem, e a palavra “semelhança” como uma descrição daquilo que foi acrescentado sobrenaturalmente ao homem. Ainda outros afirmavam que “imagem” indica a conformidade inata com Deus, e “semelhança”, a adquirida.<sup>17</sup>

A distinção de significado entre “imagem e semelhança” foi, todavia, rejeitada pelos reformadores. Para eles, “imagem” e “semelhança” são expressões equivalentes. De fato, a distinção entre “imagem” e “semelhança” não se sustém, considerando-se o uso alternado que a Bíblia faz dos termos.

- Em Gênesis 1.26, Deus declara a sua intenção de criar o ser humano à sua “imagem e semelhança”.
- No versículo seguinte (Gn 1.27), expondo a criação do ser humano afirma simplesmente que Deus o criou à sua “imagem”.
- Em Gênesis 5.1-2, recapitulando a criação do homem o texto afirma que Deus o fez à sua “semelhança”.
- No NT, temos a afirmação de Paulo, em 1Coríntios 11.7, de que o homem é “imagem (*eikon*) de Deus” e Tiago (3.8-9) declara que os homens foram feitos à “semelhança” (*homoiosis*) de Deus.

Diante destas evidências textuais, pode-se concluir que os dois termos são equivalentes, expressando uma mesma realidade. Este uso alternado dos termos levou Gildásio Reis<sup>18</sup> a concluir “que ‘imagem e semelhança’ são termos sinônimos, e que querem dizer a mesma coisa. Caso não fosse assim, o autor não faria estas mudanças alternando os termos”. Também René Padilla<sup>19</sup> afirma que “hoje admite-se amplamente que as duas palavras apontam para uma

<sup>17</sup> BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Campinas: Luz para o Caminho, 1990, p. 205.

<sup>18</sup> REIS, Gildásio. **A imagem de Deus. A Integridade Original da Natureza Humana**. Disponível em <[http://www.monergismo.com/textos/antropologia\\_biblica/imagem\\_gildasio.htm](http://www.monergismo.com/textos/antropologia_biblica/imagem_gildasio.htm)>. Acesso em 19.09.2018.

<sup>19</sup> PADILLA, 2003, p. 49.

mesma realidade, que a Bíblia na Linguagem de Hoje expressa simplesmente: ‘Agora vamos fazer os seres humanos que serão como nós, que se parecerão conosco’. O texto sugere que, dentre todos os seres criados, somente este – o Homem – é parecido com Deus”.

A Bíblia afirma que o homem é “imagem de Deus”, mas não explica no que consiste esta imagem. O significado de “imagem e semelhança” tem sido objeto de discussão dentro da teologia. As posições dos teólogos contêm conceitos similares e divergentes. De modo geral, concordam em afirmar que Jesus Cristo é a imagem perfeita de Deus e que é objetivo da salvação a restauração desta imagem no ser humano, imagem que foi perdida ou corrompida pelo pecado.

Em relação à *imago Dei* no ser humano há uma concordância em considerar que ela tem dois aspectos: (a) Um aspecto indestrutível, que permaneceu e permanece no ser humano mesmo depois do pecado, pois se assim não fosse o ser humano deixaria de ser pessoa. (b) Um aspecto que se perdeu pelo pecado, mas que é restaurado naqueles que creem em Jesus.

Em relação ao significado da imagem de Deus no ser humano, destacamos os seguintes pontos:

### 2.1 A IMAGEM DE DEUS NO HOMEM É A TOTALIDADE DO SEU SER

É fundamental destacar que a imagem de Deus não é algo que foi acrescentado à natureza humana, não é algo que Deus colocou no ser humano, não é um atributo de sua natureza, não é algo no homem, mas é o ser humano na unicidade completa de seu ser. Júlio Andrade Ferreira pergunta:

Que é *Imago Dei*? Alma? Corpo? Estatura ereta? Capacidade de domínio? Essência? Quais atributos? Inteligência? Razão? Livre arbítrio? Justiça? Santidade? Mas reafirmamos que a pergunta nunca deve ser posta nos termos propostos tantas vezes: “O que no homem é a imagem de Deus?” É o homem, ele todo, sua personalidade, é que foi feito em imagem de Deus.<sup>20</sup>

### 2.2 A IMAGEM DE DEUS SIGNIFICA QUE O HOMEM REPRESENTA A DEUS NESTA TERRA

No decálogo Deus proibiu aos homens de fazer imagens da divindade.

<sup>20</sup> FERREIRA, Julio Andrade (org.). **Antologia teológica**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 314.

Deus era o único que tinha o direito de fazer uma imagem de si mesmo e Deus a fez criando o homem à sua imagem e semelhança. O homem é “imagem e semelhança” de Deus. A pergunta de que forma o ser humano é esta “imagem e semelhança” e no que consiste esta “imagem e semelhança”, tem recebido diversas respostas da teologia.

Battista Mondin<sup>21</sup> entende que “diante dos resultados mais seguros da exegese bíblica e da teologia veterotestamentária, pode-se dizer que, com a expressão “*imago Dei*”, o autor de Gênesis quer afirmar duas coisas: (1) a posição privilegiada que cabe ao homem como ponto alto e conclusivo da criação; (2) a função de representar Deus no universo. Esta representação de Deus tem uma analogia no costume antigo de se usar estátuas do rei para representá-lo em terras do império onde não podia estar presente pessoalmente.<sup>22</sup> Por conseguinte, o homem é “imagem de Deus” que o representa neste mundo.

Hans W. Wolff pergunta “em que sentido o homem é ‘*imagem de Deus*’?” e responde afirmando que basicamente esta expressão “indica uma correspondência entre o homem e Deus. O caráter peculiar do homem na criação deve ser entendido a partir de sua relação especial com Deus”.<sup>23</sup> Continuando a inquirir, pergunta “por que a relação da correspondência com Deus é designada como ‘*imagem de Deus*’” e responde afirmando que é a “relação de domínio” sobre as demais criaturas em que Deus colocou o homem, domínio sobre os animais e sobre a terra em geral.<sup>24</sup> Wolff comenta que “exatamente como dominador ele é imagem de Deus”.<sup>25</sup>

No oriente antigo, a ereção de uma estátua do rei significa a manifestação do seu domínio no âmbito da ereção (cf. Dn 3.1,5ss). Se no século 13 a.C. o faraó Ramsés II fez esculpir na rocha a sua imagem na desembocadura do rio dos Cães, no Mar Mediterrâneo, ao norte de Beirute, esta imagem significava que ele era o dominador dessa região. De modo correspondente, o homem é estabelecido como estátua de Deus na criação. Ele documenta que Deus é o Senhor da criação; mas ele também pratica o domínio de Deus como seu administrador. Encarrega-se

<sup>21</sup> Cf. MONDIN, 1979, p. 92.

<sup>22</sup> Cf. MONDIN, 1979, p. 92-93.

<sup>23</sup> Cf. WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola; São Leopoldo: Sinodal, 1975, p. 213.

<sup>24</sup> WOLFF, 1975, p. 213.

<sup>25</sup> WOLFF, 1975, p. 211.

da sua tarefa não com arbitrariedade de dono, mas como administrador responsável. O seu direito de domínio e a sua obrigação de dominar não são autônomos, mas tem caráter de imagem.<sup>26</sup>

Esta é, também, a percepção de Padilla<sup>27</sup>, quando expõe que “o significado essencial da descrição do Homem como a *Imago Dei* é o caráter representativo que ele tem em relação a Deus”. Ele igualmente aborda o significado que as imagens tinham “no mundo antigo, especialmente no Egito. O rei era a imagem de Deus e, como tal, representa-o ante seus súditos. Mas a imagem do rei, por outro lado, representa-o na terra conquistada”. Ele conclui afirmando que

[...] o Deus, ao qual o Homem se parece, é aquele que cria o universo e os seres viventes por meio de sua palavra, mas imediatamente faz uma imagem de si próprio e coloca no mundo como seu representante. É o Criador que implanta no Homem sua própria criatividade e faz dele seu legítimo representante, confiando-lhe a mordomia de sua criação. Para a ideologia oriental, somente o rei representa Deus. Para a revelação bíblica, o Homem (e conseqüentemente todos os homens e mulheres) é a imagem do Criador no mundo.<sup>28</sup>

Othmar Schilling sublinha, igualmente, a concepção de que “a imagem torna o homem semelhante a Deus pela razão e pelo fato de o homem representar a Deus como senhor da criação, e de ele agir como seu representante na criação, que está de certo modo ordenada para ele”.<sup>29</sup>

Possivelmente é a este fato que se refere o livro apócrifo de Sabedoria: “Como as pessoas não podiam honrá-los em presença, pelo fato de estarem longe, tornaram presente a sua figura distante fazendo uma imagem, visível, do rei a quem desejavam honrar. Podiam assim, com seu zelo, cultuar como presente aquele que de fato estava ausente” (Sabedoria 14.17).<sup>30</sup>

Por conseguinte, “ao Homem, como sua imagem, seu representante, Deus dá faculdade de reproduzir-se e confia a mordomia do mundo. A tarefa humana fundamental é o governo da realidade criada, em representação a Deus e sob sua autoridade. Esse é o mandato cultural, em cujo cumprimento

<sup>26</sup> WOLFF, 1975, p. 213.

<sup>27</sup> PADILLA, 2003, p. 50.

<sup>28</sup> PADILLA, 2003, p. 50.

<sup>29</sup> SCHLLING, Othmar. Imagem de Deus. In: BAUER, Johannes B. (org). **Dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Loyola, 1973, vol. I, p. 506.

<sup>30</sup> CNBB Bíblia. 18 reed. Brasília: CNBB, 2012, p. 825.

o ser humano manifesta efetivamente que é *Imago Dei*”.<sup>31</sup>

### 3. ASPECTOS DA IMAGEM DE DEUS NO SER HUMANO

No que consiste à imagem de Deus no ser humano, suas formas de expressão, são destacadas de diferentes maneiras pelos teólogos. É uma tônica ressaltar dois aspectos, um que é permanente e que não se perdeu pela queda e outro que se perdeu pelo pecado, mas que é restaurado pela salvação em Jesus.

#### 3.1 A PESSOALIDADE E A SANTIDADE

Augustus H. Strong<sup>32</sup>, falando da “essência do estado original do homem” afirma que ela pode ser resumida na expressão “imagem de Deus”. Perguntando no que consiste esta imagem dá uma resposta dupla. Consiste em primeiro lugar na “semelhança natural a Deus, ou pessoalidade” e, em segundo lugar, na “semelhança moral com Deus ou santidade”.

**a. Pessoalidade.** Para Strong, a pessoalidade é o poder da pessoa conhecer a si mesma em seu relacionamento com Deus e com o mundo e tomar as decisões morais correspondentes. Por conseguinte, a autoconsciência é uma característica inalienável da Imago Dei no ser humano. Sturz explica que “o homem não é só um ser consciente como os demais. Como Deus, ele possui autoconsciência. Ele tem consciência do ambiente ao seu redor e também de seu lugar nesse ambiente”.<sup>33</sup> “Esta semelhança com Deus é inalienável e valoriza a vida até mesmo dos não regenerados”.<sup>34</sup> Strong sublinha que este aspecto na imagem divina o homem não pode perder sem deixar de ser homem.

Mesmo a insanidade só pode obscurecer esta imagem natural; não pode destruí-la.. A dracma perdida (Lc 15.8) ainda conserva a imagem e a inscrição real. (...) Por isso a natureza humana deve ser reverenciada. (...) No ser de cada homem estão os continentes que nenhum Colombo jamais descobriu e as profundezas da possível alegria ou tristeza que nenhum prumo jamais sondou. O céu inteiro, o inferno inteiro, podem estar dentro do perímetro da simples alma dele. Se pudéssemos ver como será o menor

<sup>31</sup> PADILLA, 2003, p. 51.

<sup>32</sup> STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2003, vol. 2, p. 87-114.

<sup>33</sup> STURZ, Richard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 297.

<sup>34</sup> STRONG, 2003, p. 89.

cristão no grande dia, curvar-nos-íamos diante dele como João diante do anjo no Apocalipse, porque não seríamos capazes de distingui-lo de Deus (Ap. 22.8,9).<sup>35</sup>

O cristão valoriza todo e qualquer ser humano por ser portador da imagem divina. Sua visão da dignidade do homem não depende de seu aspecto ou realidades exteriores. Strong conta uma experiência de quando o poeta escocês [...] Roberto Burns, andando com um nobre em Edimburgo, encontrou um velho conterrâneo e parou para conversar com ele. O nobre ficou esperando com crescente impaciência e, depois, repreendeu Burns por conversar com um homem de péssimo paletó. Burns respondeu: “Eu não estava conversando com o paletó; eu estava conversando com o homem”.<sup>36</sup>

A imagem do “paletó” representa as inumeráveis coisas pelas quais se avaliam, valorizam ou desqualificam pessoas. O conceito da *imago Dei* deve levar o cristão a valorizar e dignificar cada ser humano, independente do “paletó” que esteja usando.

**b. Imagem moral ou santidade.** Referindo-se ao segundo aspecto da imagem de Deus no homem, a santidade, ou justiça original, Strong comenta que esta imagem moral significa que o homem foi criado com tal direção de sentimento e vontade que Deus constitui o supremo fim do ser humano e o homem é um reflexo finito dos atributos morais de Deus.<sup>37</sup>

Esta semelhança moral com Deus se perdeu e foi a principal calamidade da queda. O apóstolo Paulo afirmou: “Todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). O homem agora é “a glória e o escândalo do universo. Ele desfigurou a imagem de Deus em sua natureza, embora tal imagem, em seu aspecto natural, seja impossível de se apagar”.<sup>38</sup> Todavia, Strong pondera que esta imagem perdida pode ser “restaurada pela união da alma do homem com Cristo”.<sup>39</sup>

O conceito, destacado por Strong, de que a “justiça original” ou a santidade fazem parte da natureza do ser humano, como criado por Deus, é patrimônio comum de fé dos teólogos protestantes. Deus é santo<sup>40</sup> e é uma conclusão

<sup>35</sup> STRONG, 2003, p. 89.

<sup>36</sup> STRONG, 2003, p. 89.

<sup>37</sup> Cf. STRONG, 2003, p. 91.

<sup>38</sup> STRONG, 2003, p. 92.

<sup>39</sup> STRONG, 2003, p. 92.

<sup>40</sup> “Segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o

evidente que aquele que foi criado à sua imagem seja igualmente santo. Esta santidade foi perdida pelo pecado, mas é restaurada pela obra salvadora de Jesus Cristo.

### 3.2 O SENTIMENTO INATO DE TRANSCENDÊNCIA

A “espiritualidade” com a qual Deus dotou o homem compreende as qualidades imanentes que o levam a transcender o meramente material e biológico e expressam aspectos da *imago Dei*. Faz parte da espiritualidade o sentimento inato de que existe uma realidade além da vida material que vivemos. Basta considerar que não existe agrupamento humano, hoje ou em eras remotas, que não tenha uma espécie de fé religiosa. Este sentimento inato acerca da transcendência e do Transcendente foi colocado por Deus no ser humano. O texto de Eclesiastes 3,11 pode ser uma expressão deste fato: “Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem”.

### 3.3 A CONSCIÊNCIA MORAL, O SENSO DO CERTO E DO ERRADO

Também, a consciência moral, o senso do certo e do errado, fazem parte da espiritualidade original do homem. Quando a serpente tentou a Eva, oferecendo-lhe o “conhecimento do bem e do mal” (Gn 3,5), na verdade estava oferecendo ao homem não o “conhecimento” em si, mas a opção de decidir por si mesmo o que é bom ou mal, o que é certo ou errado, o que convém ou não convém. É a decisão de assumir as rédeas de sua vida. É a decisão de declarar a autonomia em relação a Deus. A Bíblia de Jerusalém explica de que no conhecimento do bem e do mal

[...] não se trata nem da onisciência, que o homem não possuiu, nem do discernimento moral, que o homem inocente já tinha e que Deus não pode recusar à sua criatura racional. É a faculdade de decidir por si mesmo o que é bem e o que é mal, e de agir conseqüentemente: reivindicação de autonomia moral pela qual o homem nega seu estado de criatura. O primeiro pecado foi um atentado à soberania de Deus, um pecado de orgulho. Essa revolta exprimiu-se concretamente pela transgressão de um preceito estabelecido por Deus e representado sob a

---

vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo” (1Pd 1.15-16).

imagem do fruto proibido.<sup>41</sup>

A consciência moral, o livre-arbítrio, o senso do certo e do errado, permanecem, mesmo que de forma deturpada, dentro do ser humano após a queda. O apóstolo Paulo<sup>42</sup>, falando dos gentios, que não tem a lei de Deus revelada e escrita, afirma que têm, todavia, outra lei, que chama de “a norma da lei gravada no coração” pela qual também eles serão julgados. Esta “norma da lei gravada no coração” é a lei da consciência, este senso inato do certo e do errado.

### 3.4 OS ASPECTOS RELACIONAIS

Ferreira<sup>43</sup> apresenta o conceito da “*Analogia Relationis*” como um aspecto real da *Imago Dei*. Ele pergunta: “Como é o homem imagem de Deus?” e responde afirmando que um dos aspectos indiscutíveis dessa semelhança é que o homem foi criado com a capacidade de se relacionar com Deus e com seu semelhante. Por meio desta capacidade, ele reflete a pericórese<sup>44</sup>, o relacionamento intratrinitário que existe na divindade. Há aqui uma analogia entre o homem e Deus se constituindo num aspecto indiscutível da imagem de Deus.

Padilla<sup>45</sup> comenta a concepção de Karl Barth acerca da imagem de Deus. Para Barth, a imagem de Deus não é uma analogia do ser (*analogia entis*), mas uma analogia de relação (*analogia relationis*). “O ser humano seria parecido a Deus porque, graças à sua polaridade sexual, nele se reproduz a relação entre o ‘eu’ e o ‘tu’ que está presente no trino Deus (como claramente sugere o plural ‘façamos’ em 1.26)”. Ele aduz que “ainda que não se possa negar que há uma conexão entre a imagem de Deus e a capacidade que o ser humano tem para relacionar-se com seu próximo, o texto não permite a interpretação segundo a qual a analogia de relação esgota o sentido da *Imago Dei*”.

<sup>41</sup> JERUSALÉM, 2002, p. 36, nr. F.

<sup>42</sup> Cf. Rm 2.14-15.

<sup>43</sup> Cf. FERREIRA, 2005, p. 312-313.

<sup>44</sup> “Pericórese: expressão grega que literalmente significa uma Pessoa conter as outras duas (em sentido estático) ou então cada uma das Pessoas interpenetrar as outras reciprocamente (sentido ativo). O adjetivo pericorético quer designar o caráter de comunhão que vigora entre as divinas Pessoas da Trindade”. Disponível em <<http://www.catequisar.com.br/texto/materia/celebracoes/trindade/01.htm>>. Acesso em 19.09.2018.

<sup>45</sup> PADILLA, 2003, p. 50.

### 3.5 O LIVRE ARBÍTRIO

O livre-arbítrio é parte constitutiva da *imago Dei* no ser humano. “O Eu livre, capaz de autodeterminação, pertence à constituição original do homem como criado por Deus”.<sup>46</sup> Pela liberdade e responsabilidade com que foi criado, o ser humano é um interlocutor de Deus. Ele foi feito para responder a Deus e é responsável por responder a Deus. Emil Brunner constata que “mesmo que a sua resposta seja: ‘Não conheço qualquer Criador, não obedecerei a qualquer Deus’. Mesmo esta resposta é uma resposta e está sob a lei da responsabilidade”.<sup>47</sup>

Ao criar os seres humanos à sua imagem e semelhança, Deus os criou como seres livres, dotados da capacidade de decidir: decidir obedecer, ou decidir desobedecer. Deus não os fez autômatos sem possibilidades de optar, programados para sempre obedecer e fazer o bem. Quando criou o homem dotado de livre-arbítrio, Deus soberanamente autolimitou a sua soberania. Esta é também a posição de Ricardo Gondim:

Se Deus se dispunha criar seres livres, com a real possibilidade de praticarem o mal, ele estava autolimitando sua Soberania. Por quê? Simplesmente porque agora conviveria com parceiros capazes de fazer novas escolhas. Mas essa decisão em nada diminui sua Soberania, porque foi uma decisão soberana sua.<sup>48</sup>

A partir deste momento nem tudo o que acontece no cenário do mundo é ordenado e determinado por Deus. O ser humano pode se opor à vontade de Deus, pode agir contra a vontade de Deus, pois o pecado é, por definição, desobediência à vontade de Deus. O homem foi criado em liberdade, porém, usando mal a sua liberdade, em vez de responder a Deus em obediência e fé, respondeu aos apelos da serpente, buscando a sua liberdade na autonomia de Deus. Brunner esclarece que

pecado é livrar-se do controle, é a negação da responsabilidade. (...) Pecado é desejo pela autonomia do homem, portanto, em última instância, é a negação de Deus e autodeificação: é livrar-se do Senhor Deus e a proclamação da autossoberania.<sup>49</sup>

<sup>46</sup> BRUNNER, Emil. **Dogmática**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006, vol. 2, p. 87.

<sup>47</sup> BRUNNER, 2006, p. 86.

<sup>48</sup> GONDIM, Ricardo Gondim, disponível em <<http://www.portalevangelico.pt/noticia.asp?id=2654>>. Acesso em 11.5.2007.

<sup>49</sup> BRUNNER, 2006, p. 135.

Pelo pecado, a vontade livre do ser humano foi atingida de forma mortal. O homem, que deveria ser livre para amar e servir a Deus e aos homens, tornou-se escravo do pecado. Lutero, na obra *De servo arbítrio*, afirma: “Precisamos concluir, por conseguinte, que a vontade humana está corrompida e que o homem é incapaz, por si mesmo, de conhecer a Deus ou de agradá-lo”.<sup>50</sup> O rompimento das algemas do pecado ocorre pela obra da graça de Deus, através da pregação do Evangelho, possibilitando à pessoa humana, mais uma vez, optar por Deus.

### 3.6 O ASPECTO SUBSTANTIVO DA IMAGEM DE DEUS

Por “concepção substantiva”<sup>51</sup> da imagem de Deus no ser humano entende-se “alguma característica ou qualidade definida, dentro da constituição humana”.<sup>52</sup> A inteligência, a capacidade racional, a razão, são, certamente, aspectos substantivos indiscutíveis da *Imago Dei*. Porém, é um erro pensar que ela se esgota nestas qualidades ou características, pois elas são apenas elementos desta imagem e não a sua essência.

Por esta razão, uma pessoa que está vegetando em coma profunda e irreversível há anos, ou um idoso na fase final de Alzheimer, que não se lembra nem mais de seu próprio nome, pessoas que perderam totalmente a capacidade cognitiva e volitiva, ainda assim são portadoras da “imagem e semelhança” de Deus e devem ser valorizadas e tratadas com dignidade.

Com elas ocorre o que pode ser ilustrado da seguinte maneira. Imagine-se um exímio violinista que recebe para tocar um violino completamente estragado, deteriorado. Ele não consegue produzir nenhuma música digna desse nome, apenas barulho, dissonâncias, desarmonias. O violinista é excelente, mas o instrumento que tem para executar a música está danificado. Do mesmo modo, uma pessoa que perdeu totalmente a capacidade cognitiva é ainda plenamente imagem de Deus, mas o “instrumento”, o órgão, pelo qual deveria se expressar, o cérebro, está doente, deteriorado e ela não consegue mais se expressar. A pessoa real está presente aguardando o dia quando libertado deste corpo frágil, desonroso, corruptível e fraco<sup>53</sup>, for transformado

<sup>50</sup> LUTERO, Martinho. **Nascido Escravo**. São José dos Campos: Fiel, 1992, p. 16.

<sup>51</sup> Substantiva = “que evidencia a substância, a essência” (Houaiss).

<sup>52</sup> ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 217-218.

<sup>53</sup> Cf. 1Co 15.42,43,50,53,54.

no corpo de glória. Quando isso ocorrer, a verdadeira pessoa novamente transparecerá.

Portanto, a imagem de Deus não radica na capacidade do ser humano, no seu ter, ou no seu fazer, mas unicamente no seu ser. Mesmo perdendo todas as suas capacidades, não tendo mais nenhuma potencialidade funcional, tendo sua razão obscurecida, não possuindo nem mais a autoconsciência, ainda assim o homem é e continua sendo “imagem e semelhança” de Deus.

### 3.7 O ASPECTO FUNCIONAL DA IMAGEM DE DEUS

Por “concepção funcional”<sup>54</sup> concebe-se a imagem de Deus no homem como algo que ele faz, a tarefa que deve executar sob o mandato de Deus, a função que deve exercer, “sendo a mais mencionada o exercício do domínio sobre a criação”.<sup>55</sup> Contudo, o cumprimento do mandato cultural, que lhe foi confiado por Deus, não é a essência da imagem de Deus, é o exercício desta imagem como representante de Deus na terra.

O ser humano, como “imagem e semelhança” de Deus, foi dotado com a faculdade de cumprir o mandato cultural que Deus lhe conferiu (Gn 1.26,28) e espalhar as benesses do jardim sobre todo o orbe. Com a queda, o homem continua com a capacidade de agir sobre a natureza e a criação, mas agora não mais, apenas, para o bem da humanidade. O homem, em vez de usar sua aptidão para o bem do seu semelhante, para a preservação do meio ambiente e da natureza, usa-a para fins menos nobres, com propósitos, muitas vezes, malévolos. O ser humano usa sua habilidade para benefício próprio em detrimento de tudo o mais. Em lugar de ser mordomo da criação, tornou-se espoliador da natureza e algoz de seu semelhante.

Contudo, como restos da imagem de Deus permanecem em cada ser humano, há muitos que, movidos por real altruísmo, usam seu potencial para o bem de seu semelhante, da humanidade e do meio ambiente. O cristão em cuja vida a *imago Dei* foi restaurada é aquele que libertado das amarras do egoísmo fatal, pode e deve usar, mais do que os demais, suas competências para o bem da humanidade e para a preservação do meio ambiente.

<sup>54</sup> Cf. ERICKSON, 1997, p. 219-20.

<sup>55</sup> ERICKSON, 1997, p. 220.

### 3.8 A IMORTALIDADE

Fica aberta a questão se o ser humano tinha uma imortalidade ontológica, ou condicional. Aparentemente sua imortalidade estava condicionada a comer do fruto da árvore da vida. Quando caiu no pecado, o acesso à árvore da vida foi impedido pelo querubim com a espada flamejante (cf. Gn 3.24), para que o homem e a mulher não comessem deste fruto e vivessem eternamente (cf. Gn 3.22). Estes textos sugerem que a imortalidade era condicional e que foi perdida pelo pecado.

Esta imortalidade, a vida eterna, é devolvida ao ser humano quando se converte a Jesus Cristo. Jesus, em João 6, falou que ele era o “pão da vida” e quem comesse desse pão não morreria, viveria eternamente (cf. Jo 6.33, 48-51). Ele estava fazendo uma analogia com o maná que sustentou os israelitas no deserto (cf. Jo 6.31-33). Todavia, é possível perceber outra sutil analogia entre a palavra de Jesus sobre o comer o pão da vida e viver eternamente e a árvore da vida.

Jesus disse: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne” (Jo 6.51). A “árvore da vida” está novamente plantada no meio da humanidade. A espada flamejante do querubim assumiu a forma da cruz. Jesus é a “árvore da vida” e quem comer de seu fruto tem a vida eterna, não morrerá eternamente (cf. Jo 6.50-51; 11.25-26).

## 4. A IMAGEM DE DEUS E A RELAÇÃO DE GÊNERO EM 1COR 11.3-16

Os únicos exemplos no NT do uso das palavras “imagem” e “semelhança” no sentido originário da criação do ser humano em Gênesis 1 e 2, são 1Coríntios 11.3 (“O homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem (eikon) e glória de Deus”) e Tiago 3.8-9 (“A língua nenhum dos homens é capaz de domar (...). Com ela, bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança (homoiosis) de Deus”<sup>56</sup>).

Todavia, em 1Cor 11.3 o texto afirma que o homem é “imagem e glória de Deus”, mas a mulher é a “glória do homem”. Pelo fato de ser uma afirmação incomum e causa desconforto, ele será considerado a seguir. Na perícope completa (1Co 3.3-16), especialmente os vs. 3, 7 e 9 se relacionam com a Imago

<sup>56</sup> A palavra “semelhança” é *homoiosis* usada em todo o NT apenas neste lugar.

Dei, que é a temática deste estudo.

3 Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo. (...)

7 Porque, na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem.

8 Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem.

9 Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, por causa do homem.

#### 4.1 O CONTEXTO DA PASSAGEM

É um texto complexo, que traz detalhes difíceis de serem corretamente compreendidos e interpretados. Todavia, algumas observações podem ser feitas sobre o contexto sociocultural e eclesial da passagem, contexto este que fornece a moldura para a interpretação da passagem.

**a. O contexto sociocultural da passagem.** O pano de fundo deste texto é contexto social e cultural da época de Paulo, com reflexos sobre o comportamento das mulheres nas reuniões da igreja. Temos três exemplos que demonstram o pano de fundo cultural e social das orientações paulinas. Inicialmente, quando Paulo menciona que o homem que ora ou profetiza com a cabeça coberta “desonra a própria cabeça” (v.4) e que a mulher que ora ou profetiza com a cabeça sem véu, descoberta, “desonra a própria cabeça, pois é como se tivesse a cabeça rapada” (v.5) e que é desonroso para a mulher “tosquiarse ou raparse” (v.6), está fazendo menção de conceitos culturais e sociais de sua época que não têm mais sentido em nossa sociedade e cultura.

Em segundo lugar, quando Paulo faz a pergunta retórica: “Julgai entre vós mesmos: é próprio que a mulher ore a Deus sem trazer o véu?” (v.13), espera a resposta: “Não, não é próprio para a mulher orar ou profetizar com a cabeça descoberta”. A pergunta e a resposta subentendida mostram os conceitos vigentes na época, pois se a pergunta fosse feita hoje, a resposta seria completamente diferente.

Em terceiro lugar, quando Paulo afirma que “a natureza” (*physis*) ensina que é desonroso para o homem usar cabelo comprido (v.14) está fazendo uma alusão cujo sentido mais exato nos escapa.<sup>57</sup> De qualquer forma, esta

<sup>57</sup> A Bíblia de Jerusalém crê que, na época, os homens usarem cabeleira comprida era considerado

afirmação mostra que havia um conceito relacionado com o uso do cabelo comprido pelos homens que não é mais atual em nossos dias.

**b. O contexto eclesiástico da passagem.** O contexto mostra que Paulo está tratando do comportamento das mulheres cristãs nas reuniões da igreja, pois ele menciona o orar e o profetizar tanto pelos homens (v.4) como pelas mulheres (v.5) o que, evidentemente, ocorria nas reuniões da igreja. Igualmente menciona que, por causa dos “anjos” (v.10), a mulher deve ter a cabeça coberta. É outro texto que tem dado margem a inúmeras explicações e nenhuma delas convincente, mas, de qualquer modo, sugere a presença dos “anjos”<sup>58</sup> nas reuniões da comunidade e o comportamento concomitante das mulheres. As recomendações de Paulo, consideradas literalmente, não fazem mais sentido na época atual, pois, se o comportamento das mulheres e dos homens nas reuniões da igreja sempre deve ser digno e adequado, a forma desta conduta apropriada mudou completamente.

## 4.2 O HOMEM É IMAGEM E GLÓRIA DE DEUS E A MULHER É GLÓRIA DO HOMEM

A afirmação de que o homem “é imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem” (v.7), causa dificuldades, pois, aparentemente, Paulo coloca a mulher numa posição espiritual inferior ao homem. Todavia deve-se observar que Paulo não afirma que a mulher não é imagem de Deus. Afirma simplesmente que a mulher é “glória” do homem e que, portanto, nada deve fazer que o desonre. Sem dúvida é um axioma que Paulo cria na realidade da imagem de Deus tanto no homem como na mulher.

Ao afirmar que o homem é “glória de Deus” (v.7) e que a mulher é “glória do homem” (v.7), Paulo tem em vista as reuniões públicas da igreja. O referente do homem nas reuniões públicas é Deus. Ao orar ou profetizar (v.4), o homem “não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus” (v.7). O referente da mulher nas reuniões públicas é o homem (v.7). A mulher

---

um sinal de homossexualidade (cf. JERUSALÉM, A Bíblia de. 2002, p. 2006, nr c). É possível fazer uma conexão, não muito segura hermenêuticamente, entre a referência à natureza (*phusis*) neste texto com Rm 1.26-27 onde Paulo menciona que a prática da homossexualidade é contrária à natureza (*phusikos*). Em ambos os textos a palavra é a mesma, pois *phusikos* é cognata de *phusis*.

<sup>58</sup> O significado de “anjos” neste texto nos escapa. Alguns pensam que se tratam de anjos literalmente. Outros supõe que Paulo estivesse se referindo a “anjos” (mensageiros) de outras igrejas presentes nas reuniões e que ficariam chocados com o comportamento inadequado das mulheres.

não deve orar ou profetizar com a cabeça descoberta (v.5), por ser a glória do homem. O homem se preocupa apenas com a glória de Deus, mas a mulher se preocupa pela maneira como honra ou desonra ao homem, pois dele é a glória. O homem se preocupa em dar “glória” àquele que é o seu “cabeça”, Cristo (v.3). A mulher se preocupa em “não desonrar” aquele que é seu cabeça, o homem (v.3,5). Pelas suas atitudes, p.ex., deixando de usar o véu, costume sacramentado da época indicando uma atitude de submissão da mulher, poderia desonrar e envergonhar aquele que é a sua “cabeça”.

Com certeza, Paulo, ao usar a palavra “homem”, não estava pensando no homem num sentido genérico, como se dissesse: “A mulher é a glória de todo e qualquer homem em qualquer lugar em que estiver”. Certamente Paulo pensa em “homem” num sentido particular. O homem com o qual a mulher se relaciona de maneira pessoal e familiar, seguramente, é o seu marido. Este significado encontra respaldo no texto de Efésios 5.23, onde Paulo afirma que “o marido é o cabeça da mulher”. Pode-se, com cuidado, ampliar o sentido de “homem”, neste texto, para incluir os líderes da igreja que seriam desonrados se as mulheres, quebrando os padrões culturais da época, deixassem de usar o véu ao orar ou profetizar.

### 4.3 A EQUALIZAÇÃO DAS POSIÇÕES DO HOMEM E DA MULHER

Paulo sustenta a alegação de que o “homem é imagem e glória de Deus” e que “a mulher é glória do homem”, fazendo uma dedução teológica baseada no segundo relato da criação. O primeiro argumento é cronológico: “Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem” (v.8). Da sequência da criação do homem e da mulher, Paulo conclui que o homem está numa posição de superioridade em relação à mulher. O segundo é teleológico. A mulher foi criada tendo em vista o propósito de suprir as necessidades do homem: “Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, por causa do homem” (v.9).

A alegação de que o “homem é glória de Deus” e que a “mulher é glória do homem”, poderia colocar a mulher numa posição de subserviência e o homem numa posição de dominação. Todavia, Paulo minimiza e equaliza este argumento, afirmando que, na nova ordem inaugurada por Cristo, algo novo teve início. “No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher. Porque, como provém a mulher do

homem, assim também o homem é nascido da mulher; e tudo vem de Deus” (1Cor 11.11-12).

O apóstolo afirma que “no Senhor” (v.11) uma nova realidade se instalou, uma nova situação passou a existir. Realidades antigas, geradas pela queda, são superadas pela intervenção do “novo” que veio por Jesus. Este “novo” apresenta algumas características:

- A interdependência do homem e da mulher (v.11). Um depende e necessita do outro num mesmo nível de igualdade.
- Um provem do outro. Assim como na criação a mulher proveio do homem, na realidade atual o homem provém da mulher (v.12) e as diferenças sugeridas pelo fato de que na criação a mulher proveio do homem, são equalizadas.
- Deus é a fonte de tudo. Deus, de quem tudo vem, é a origem de toda a realidade e a fonte primária do homem e da mulher.

Portanto, nem o homem, nem a mulher se sobrelevam um ao outro, mas Deus é quem tem a proeminência. Assim, nenhum homem pode assumir uma posição de superioridade sobre a mulher e exigir dela a submissão, pois “no Senhor” ambos estão num mesmo patamar de igualdade diante de Deus. Esta é a afirmação de Paulo em Gálatas 3.26-28, onde assegura que em Cristo Jesus “não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”. As diferenças brutais que dividem a humanidade, no Senhor, em Cristo, foram superadas. Foi abolida, também, a separação gerada pelo androcentrismo, pelo machismo, que subordinava a mulher. Em Cristo não há mais homem nem mulher, mas ambos são um. Há ainda diferenças de funções, mas não mais distinção de valor. Joel Ferreira comentando o texto de Gálatas 3.26-28 afirma que este “é um dos textos de maior abertura de fronteiras do Novo Testamento, rumo à superação dos principais antagonismos que dividiam um grupo ou uma sociedade”.<sup>59</sup>

## 5. A IMAGEM DE DEUS PERDIDA E RESTAURADA

Sendo o homem imagem de Deus, esta imagem nunca é totalmente perdida. O pecado conspirou, corrompeu, distorceu a imagem de Deus. O

<sup>59</sup> FERREIRA, Joel Antônio. **Gálatas, a epístola da abertura de fronteiras**. São Paulo: Loyola, 2005, p. 89.

ser humano pós-pecado não é mais imagem de Deus como era anteriormente, mas ele continua sendo ainda *imago Dei*. Mesmo psicopatas, criminosos cruéis e sem misericórdia, dos quais se diria que são unicamente imagem do diabo, são ainda imagem de Deus. Soterrada sob camadas de imundícia, lama e lixo, há nestas pessoas ainda uma realidade divina, uma centelha da luz original, algo da divindade. Por conseguinte, mesmo as mais cruéis das criaturas humanas devem ser tratadas com a dignidade e o respeito devidos a seres dotados da imagem de Deus. “Em cada homem, até o mais degradado, há uma imagem de Deus a ser revelada, como Miguel Ângelo viu o anjo no rude bloco de mármore”<sup>60</sup>.

Grudem também crê que a queda do homem distorceu a *Imago Dei*, mas que ela não se perdeu. O homem, mesmo pecador, ainda conserva a imagem de Deus nas entranhas de seu ser.

Como o homem pecou, ele sem dúvida não é tão plenamente semelhante a Deus como era antes. Sua pureza moral se perdeu. Seu intelecto está corrompido pela falsidade e pelo engano. Suas palavras já não glorificam continuamente a Deus. Seus relacionamentos muitas vezes são controlados pelo egoísmo, já não pelo amor. Embora o homem ainda seja à imagem de Deus, em cada aspecto da vida *alguns* elementos desta imagem foram distorcidos ou perdidos. Permanecemos ainda sendo a imagem de Deus, mas a imagem de Deus em nós está distorcida.<sup>61</sup>

Contudo, a “justiça original”, a santidade, os aspectos perdidos da imagem de Deus pelo pecado, são restaurados por meio de Jesus. Pela experiência da salvação, pelo processo de crescimento na santificação, o cristão é transformado na imagem de Jesus. Para este propósito todos foram predestinados desde a eternidade. “Aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8.29).

Em Jesus, vemos a semelhança humana a Deus como ela foi originalmente concebida e Deus nos predestinou para sermos “conformes a imagem de seu Filho” (Rm 8.29; 1Co 15.49).

Esta transformação na imagem “do Filho” estará apenas completa na *parusia*, como afirma o apóstolo João: “Quando ele se manifestar, seremos

<sup>60</sup> STRONG, 2003, p. 88.

<sup>61</sup> GRUDEM, 1999, p. 365-366.

semelhantes a ele” (1Jo 3.2). Antes deste dia glorioso todos trazem as marcas, a semelhança do “homem terreno”, Adão, com todas as suas fragilidades. Mas, na consumação final, todos experimentarão a semelhança com o “homem celestial”, Cristo (cf. 1Co 15.48-49).

## 6. A IMAGO DEI COMO A BASE PARA O VALOR E DIGNIDADE DO SER HUMANO

A *imago Dei* confere ao homem, a todo homem, cristão ou não, um valor intrínseco extraordinário. De fato, a única coisa que confere valor e dignidade a todo ser humano, desde a vida não nascida ao ancião morrendo na fase final de Alzheimer, é a “imagem e semelhança” de Deus.

Nada mais é base e fundamento para se reconhecer valor e dignidade no homem. Se Deus fosse descartado, se o ateísmo fosse verdade, se Deus não existisse, se o homem fosse apenas produto de um mero acaso, o que daria valor a ele? Seria a sua funcionalidade, sua utilidade, seus bens, suas capacidades, sua aparência física, sua conta bancária, seu sucesso na vida. O valor do homem estaria apenas no ter e no fazer, mas não mais no ser e, nesta perspectiva, ele não seria mais do que um animal evoluído, mais inteligente, mais capacitado que os demais, mas não mais do que isto – um animal. Neste caso porque não eliminar os decrepitos, os alienados, os débeis mentais, as vidas não nascidas e indesejadas? Nada o impediria.

Wayne Grudem tem um texto notável sobre esta realidade:

É preciso lembrar que, mesmo caído, o homem pecador tem a posição de ser à imagem de Deus. Todo ser humano, por mais que a imagem de Deus esteja maculada pelo pecado, pela doença, pela fraqueza, pelo envelhecimento ou por qualquer outra deficiência, traz em si ainda a condição de existir à imagem de Deus e, portanto, precisa ser tratado com a dignidade e o respeito devidos ao portador da imagem divina.

Isso traz profundas implicações para nossa conduta diante dos outros. Significa que todas as raças merecem igual dignidade e direitos. Significa que os idosos, os gravemente doentes, os mentalmente retardados, as crianças ainda no ventre materno – todos merecem plena proteção e respeito como seres humanos.

Se algum dia negarmos nossa posição singular na criação como únicos portadores da imagem de Deus,

logo passaremos a depreciar o valor da vida humana, tenderemos a enxergar os seres humanos meramente como uma forma animal superior e começaremos a tratar os outros assim. Também perderemos muito do nosso senso de significado na vida.<sup>62</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi analisado o ser humano como criado à imagem e semelhança de Deus. Foram, também, considerados os elementos mais importantes da “imagem e semelhança” de Deus no ser humano. Esta realidade, que jaz na essência do ser humano, traz a responsabilidade, especialmente para os cristãos, de serem “representantes” de Deus na terra. Representantes de Deus no cuidado para com a criação, a natureza, o meio ambiente, cumprindo o mandato cultural que Deus lhes confiou. Representantes de Deus se empenhando para que no mundo, que vive as agruras da queda e em meio a uma humanidade que vive “fora do paraíso”, sejam semeados os valores do reino de Deus e as benesses perdidas do “jardim”. Representantes de Deus, imagem de Deus, *imago Dei*, para lutar pela liberdade, justiça, solidariedade em meio a um mundo de opressão, preconceitos e injustiças.

## REFERÊNCIAS

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Campinas: Luz para o Caminho, 1990. 791 p.

BRUNNER, Emil. **Dogmática**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006. Vol. 2, 512 p.

CNBB Bíblia. 18 reed. Brasília: CNBB, 2012.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997. 540 p.

FERREIRA, Joel Antonio. **Gálatas, a epístola da abertura de fronteiras**.

<sup>62</sup> GRUDEM, 1999, p. 371.

São Paulo: Loyola, 2005. 212 p

FERREIRA, Júlio Andrade (org.). **Antologia teológica**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005. 797 p.

**GENEBRA, Bíblia de estudo**. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. 1728 p.

GONDIM, Ricardo. **Deus é soberano**. Disponível em <<http://www.portalevangélico.pt/noticia.asp?id=2654>>. Acesso em 27/09/2012.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999. 1046 p.

HENDRIKSEN, William. **Romanos**. Cambuci: Cultura Cristã, 2001.

**JERUSALÉM, A Bíblia de**. Nova Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Paulinas. 2002.

LUTERO, Martinho. **Nascido Escravo**. São José dos Campos: Fiel, 1992.

MONDIN, Battista. **Antropologia teológica**. História, problemas, perspectivas. São Paulo: Paulinas, 1979.

PADILLA, C. RENÉ. A relação homem-mulher na Bíblia *in* MALDONADO, Jorge (org). **Casamento e Família**. 2.ed. Viçosa: Ultimato, 2003. p. 47-71.

REIS, Gildásio. **A imagem de Deus. A Integridade Original da Natureza Humana**. Disponível em <[http://www.monergismo.com/textos/antropologia\\_biblica/imagem\\_gildasio.htm](http://www.monergismo.com/textos/antropologia_biblica/imagem_gildasio.htm)>. Acesso em 26.09.2018.

STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2003. vol. 2, 880 p.

STURZ, Richard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

815p.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola; São Leopoldo: Sinodal, 1975. 329 p.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional